

TIPOS DE LEITOR E MODOS DE LER NO SÉCULO XXI

Martha Ribeiro Parahyba

RESUMO: Este artigo tem por objetivo caracterizar algumas das maneiras de ler na sociedade, o que implica procurar entender como se dá o encontro entre o leitor e o texto. Ler não é só a compreensão do objeto lido. Ler é uma prática encarnada por gestos, espaços e hábitos. O mundo do leitor e o mundo do texto são constituídos por um conjunto de competências, usos, códigos, interesses que se sustentam e estabelecem leis que organizam e constroem a produção do sentido. Por isso importa distinguir as comunidades de leitores, as tradições de leitura, as maneiras de ler. Desta forma, será dada neste estudo atenção à sociedade do século XX e aos atuais hábitos, formas, escolhas e modos de ler.

PALAVRAS-CHAVE: Leitor, leitura, educação

Entre os usos que o homem fez do livro e como tem feito hoje, um longo caminho foi percorrido pela civilização. Nesta caminhada, o Homem viu o prestígio da Leitura e do Leitor sofrendo várias transformações. Os passos dados, desde a entrada no século XX aos dias de hoje, mostram as transformações pelas quais o modo de ler, o leitor e o prestígio da leitura estão sofrendo. Descrever alguns dos modos de ler na atualidade é o que se pretende aqui. O que supõe pensar como se dá o encontro entre o mundo do texto e o mundo do leitor, pois dependem das formas e das circunstâncias por meio das quais os impressos são recebidos e apropriados por seus leitores. Como esclarecem Cavallo e Chartier, “É preciso considerar que as formas produzem sentido e que um texto se reveste de uma significação e de um estatuto inédito quando mudam os suportes que o propõem à leitura”.

Para começar é preciso identificar as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores,

as tradições de leitura, as maneiras de ler, as competências de leitura. Vale a pena pensar no que pode haver em comum entre uma pessoa mergulhada em uma leitura solitária, entre quatro paredes, no silêncio quase absoluto, só interrompido pelo virar das páginas de seu impresso; e uma outra, largada sobre o sofá, a manipular poderosamente o controle remoto da televisão, ao sabor do acaso e da impaciência com as propagandas comerciais e os noticiários monocórdios.

Não parece haver dúvida de que ambos, cada um de uma forma peculiar, estão fazendo uma leitura. No primeiro caso, trata-se de um costume quase tão antigo quanto o é a própria história da leitura, quanto ao segundo, uma singularidade do século XX, que se incorporou aos costumes da modernidade – assistir à televisão com controle remoto.

Entre o séc. 500 a.C e o séc. XXI, a leitura conviveu entre os homens distinguindo desde gêneros a classes sociais e profissões. Em todas as épocas proporcionou intensas discussões em razão das possibilidades que o seu domínio permitia. Com a finalidade de garantir o conhecimento de aventuras heróicas, à atividade de aculturação ou prazer, a leitura tem seu espaço assegurado, ao lado de tantas outras atividades da modernidade, enquanto existir a atividade de produção de texto – seja de que forma for (Chartier: 1998, 6).

Intrínseca à cultura da humanidade, não parece haver dúvida sobre a sua continuidade, entretanto hoje, e como sempre, o papel da leitura desperta reflexões sobre a sua permanência, validade e características. Afinal, entre os meios intelectuais desponta a discussão de que as sociedades desenvolvem-se tecnologicamente, mas não parece que a leitura esteja no mesmo compasso. É preciso compreender que as transformações vividas pela sociedade também atingiram os modos de ler desta mesma sociedade.

Como serão os modos de leitura de nossa sociedade? Quais os tipos de leitor que encontramos hoje? Estão, hoje, os leitores de comum acordo sobre as leituras a serem feitas? Estas questões devem fazer parte das investigações no sentido de compreender a extensão social das interferências que vêm atingindo a leitura e criando novos modos de ler.

A leitura faz parte de um processo de aculturação mundial e não deve ser pensada apenas entre as comunidades de-

envolvidas, como as da Europa ou nos Estados Unidos. É nos países desenvolvidos que se dá o maior número de leitores, entretanto, na base dos problemas que afetam as questões relativas à leitura em países mais desenvolvidos, estão os países com maior número de analfabetos (por razões não só econômicas, como políticas e religiosas).

O projeto de expansão econômica das sociedades modernas cruza o mundo da leitura com o crescente aumento do mercado editorial nos países desenvolvidos e estabelece um novo princípio para a alfabetização, voltado principalmente para o desenvolvimento da capacidade de leitura, que favorece ainda mais o mercado livreiro. Nesta tênue ligação entre leitores em formação e a ideologia e os valores da sociedade a serem conservados, a opção pela leitura tem se revertido numa escolha mais adequada para conservar a ideologia “de um público cada vez mais amplo de leitores, não de escreventes” (Petrucci:1998, 204). Um conjunto de obras e autores propostos como norma ou como modelo, ou mesmo que sejam capazes de fugir ao modelo, mas que mesmo assim estão a serviço dos valores estabelecidos consolidam as intenções de uma sociedade que pretende se aculturar, mas dentro de valores já instituídos pelo cânone.

Um cânone suficientemente amplo para satisfazer as necessidades da indústria editorial, mas também bastante rígido para reproduzir os valores ideológicos, culturais e políticos que há mais ou menos dois séculos são a base da visão do mundo ocidental. (Petrucci,1998: 208)

Reafirmando o cânone em catálogos, revistas especializadas e um numeroso grupo de agentes literários dispostos a derramar sobre os leitores em potencial à espera das novidades ditas pelo mercado editorial, a cultura escrita torna-se uma massa maleável que se ajusta ao sabor do vendável, e prepara o terreno para aquilo que será lido e apreciado pelo público leitor, paradoxalmente “culto”. Ergue-se uma instituição que está a serviço da cultura, mas da cultura que pode ser trocada comercialmente. Como mercadoria, o livro perde seu valor intrínseco e sobrevive dentro do esquema comercial imposto pelas grandes editoras. Leitores ávidos pelas grandes “revelações” e formadores de opinião fecham o cerco dos critérios de leitura: lê-se o que é vendido, e o que tem alta rentabilidade cria, por sua vez, um público consumidor.

Tiragens espetaculares de livros que não traduzem nenhum critério proporcionam a formação de novos leitores, como numa cadeia infinita, abrindo novos espaços de leitura e modificando o perfil da classificação tradicional instituída pelo americano Melvil Dewey, em 1876, em que obras das áreas humanas eram seguidas pelas das áreas das ciências. Se a maioria das bibliotecas ainda permanece com esta classificação, outras já revelam mudanças para atender a um público de gosto bastante variado, determinado a informar-se a partir de novos critérios: família, sexo, comportamento, anjos, esportes ... fazem parte de uma nova sistematização que procura atender às exigências dos leitores da atualidade.

A primeira vista o público leitor parece apenas adequar-se às leis de mercado, entretanto a variedade de impressos mostra os diferentes tipos de leitores.

Não mais o leitor solitário dos ambientes fechados, tão pouco o leitor público das notícias em grupos. Há uma imensa gama de leitores: ...*firmes*, ...*selvagens*, ...*zapping*, *anárquicos*... Qual a significação deste fenômeno? ...*crise de leitura*?... ou, diversidade de leitores e leituras?

De onde partem estas possibilidades de leitor e leitura? Países com indústria editorial mais forte e organizada são os que apresentam maior número de leitores dispostos a contrariar os padrões idealizados pela sociedade e a buscar leituras que não obedeçam ao cânone. Estão nos Estados Unidos, na Alemanha, na França, na Inglaterra, na Itália, entre outros da Europa.

Destes, os Estados Unidos são, em termos absolutos, o país que produz mais livros e papel impresso no mundo. Em consequência, a variedade de leitura já apresenta um quadro que permite algumas inferências: 1) a presença de um processo de alfabetização, baseado na cultura oficial e no respeito ao uso padrão tradicional da língua; 2) um outro processo de alfabetização, ainda em formação, caracterizada pelas leituras das classes sociais que não estão no topo da pirâmide social; 3) uma cultura juvenil de leituras ocasionais, limitadas às narrativas contemporâneas de ficção científica e quadrinhos; 4) e uma outra cultura juvenil tradicionalmente culta, lendo e ouvindo clássicos, e *utilizando as novas tecnologias apenas como suporte*; 5) a presença de campanhas governamentais contra o analfabe-

tismo e pelo desenvolvimento da leitura; 6) a presença maciça de leitores que estão fugindo das leituras indicadas pelo cânone¹.

Estas descobertas deixam claro que a leitura enquanto prática sociocultural tradicional passa por modificações que atestam a pressão sobre a “ordem da leitura” e que põe em questão o papel e a sua própria sobrevivência, porque o elemento que traduz suas regras – o cânone, já não exerce o papel que tradicionalmente lhe foi conferido. Novas regras impõem-se a partir das leis de oferta e procura do mercado: “trivialliteratur”, “instant-books”, coletâneas de piadas, literatura policial, ficção científica, história de comportamento e de sexo compõem um conjunto desordenado de publicações em que não há traço de um critério seletivo tal como se organizam as vendas de qualquer produto, dos alimentícios aos carros. O livro parece inserir-se numa categoria de mercado indefinida. Enquanto isto a indústria do livro pratica algo semelhante ao *estelionato*.

O que a grande indústria editorial está fazendo há algum tempo no interior do livro é uma forma de dano baseada no cancelamento de todo critérios seletivo, que também pode ser considerado como um autêntico estelionato em que o prejudicado é leitor-consumidor. (Petrucci, 1998: 211)

Povos conhecidos pela prática de leitura seletiva², vivendo novas experiências em razão da quebra de fronteiras política e econômica, com um altíssimo número de leitores habituais, formados na observância de critérios tradicionais, marcados por uma ampla educação para o consumo de leitura, como nos países do leste europeu, até 1989, já não aceitam os produtos da indústria editorial local. Partem em busca do que o mercado ocidental oferece: livros sobre hobbies, romances policiais, turismo...

Universidades, consideradas templos da ideologia da sociedade tradicional, tal como Stanford (EUA), em que estudantes de outros países, como América Hispânica e África promovem campanhas em favor de um repertório de leituras que traduzam também a cultura de seus países, também contribuem para promover alterações no cânone.

Estes modos de ler tão diversificados proporcionam uma revisão no cânone e na estratégia editorial. Não

¹ Petrucci, in: **História da Leitura no mundo ocidental**, 204.

² Prática de leitura seletiva: leitores firmes, leitores que têm critérios de leitura e não lêem qualquer coisa, só por que são anunciadas maciçamente pelas campanhas publicitárias. (Petrucci, idem).

se trata de declínio dos padrões ocidentais, trata-se de um movimento de valorização das culturas de outras sociedades.

A superação de modelos intelectuais não é fruto da sociedade contemporânea. Entre os séculos III e V, autores gregos e latinos foram substituídos por autores de tradição cristã; posteriormente, entre os séculos XIV e XV, foi a vez dos humanistas italianos recusarem o cânone escolástico, substituindo-o por autores clássicos latinos e gregos. Em ambos os casos, houve uma reabsorção do cânone substituído por valores novos. Hoje, também se percebe que uma nova mudança se realiza, com absorção de modelos tradicionais que se incorporam aos novos, efetivando uma mudança nos modelos de produção/ circulação e das práticas de leituras e diferentes tipos de leitores.

Evidentemente quando um grupo de pessoas encontra-se numa condição privilegiada não tem intenção alguma de modificar tal situação. Portanto as mudanças vêm de outras direções e de interesses variados: grupos marginalizados; intelectuais e críticos em condições subalternas; jovens e aposentados com tempo disponível para ler, leitores com pouco dinheiro e dificuldade de acesso a acervos de grande porte...

Não é possível ignorar leitores que praticam a leitura e que não a reconhecem apenas pelo seu caráter cultural, reivindicando "liberdade de leitura", independente do cânone existente ou possível. Tais leitores aumentam em número e fazem a delícia de editores e de livreiros. Como afirma Petrucci, "Ler para aprender, para lembrar, para formar-se, ler por ler, para passar o tempo, para divertir-se", são diferentes práticas que revelam uma recusa completa dos valores literários instituídos e de qualquer atitude pedagógica. Leitores de "lixo" literário (mistério, ficção, western...) inscrevem-se entre profissionais liberais, docentes universitários, homens de negócios... voltados conscientemente para a liberdade de ler o que quiserem.

A liberdade para escolher os impressos que mais apeteçam promove alterações nas bibliotecas que empregam a classificação tradicional de Dewey. Os setores tradicionais são substituídos por sessões que agradam aos *leitores selvagens*³: clássicos, artes, mundo de hoje, pessoa, humor, esportes, vida pessoal, hobbies, família, casa... acusando uma impertinente mudança na "ordem de leitura".

³ Leitor selvagem: leitores que lêem qualquer impresso sem a menor preocupação com o cânone.; lêem de forma "anárquica", "egoística", "egocêntrica" (Petrucci, idem).

Ela [a liberdade de leitura] nasceu sobretudo por causa da crise das estruturas institucionais e ideológicas que até agora haviam sustentado a preexistente “ordem de leitura”: a Igreja como propagandista da leitura dirigida a fins devocionais e morais; a cultura progressista e democratizante que via na leitura um valor absoluto para a formação do cidadão ideal. (Petrucci, 1998:213)

Campanhas em prol da alfabetização resultaram no nascimento de vários tipos de leitores, que se permitem fazer livremente suas próprias escolhas de leituras, resultando no panorama “caótico” em termos de gosto, em que se encontra atualmente o mercado editorial. Como o livro já não é mais o principal instrumento de aculturação à disposição do homem contemporâneo, cujo alcance a televisão mostrou-se indiscutivelmente mais eficiente, mais barata e mais rápida. Mostra hoje que, aquilo que fora o único meio de aculturação da população em geral – o livro, foi substituído pelos meios audiovisuais.

No conjunto, é possível afirmar com segurança que hoje, em todo o mundo, o papel de informação e de formação de massa que por alguns séculos foi próprio dos produtos impressos, portanto “para ler”, passou para os meios audiovisuais, portanto para meios que existem para ser ouvidos e vistos, como diz seu próprio nome. (Petrucci, 1998: 216)

O novo “leitor” dos meios audiovisuais é autor de seu próprio texto. Tendo nas mãos um controle remoto, manipula-o ao acaso, possibilitando a criação de vários textos informativos e interpretativos: o leitor “zapping” (termo americano, onomatopéia para o rápido movimento de mudar os canais, “zap”). Numa perspectiva tradicional, linear e progressiva, é uma leitura sem o menor “sentido”: fragmentária, de trás para frente, do meio para o começo e depois para o fim, que exige um mínimo de atenção para ser seguida e um máximo de participação criativa. As leituras da maioria da população delineiam-se pela casualidade e velocidade com que dispõem de tempo para assistir aos programas televisivos, constituindo, pois, as leituras populares da atualidade.

Da leitura em carteiras, em recintos silenciosos, institucionalizada pela escola, a partir do século XIX, às leituras desprovidas de quaisquer regras, surgem novas representações de leitura - “modos de ler”, marcadas sobretudo pela práticas instituídas pelos mais jovens: as leituras “sérias”, que exigem esforço e concentração; e as leituras “subversivas”, feitas em total liberdade.

A perspectiva de que o livro já não é um objeto “sagrado”, guardado em lugares especiais, ambientes privados, bibliotecas, é consequência da liberdade de usos, “o livro é manipulado, amassado, dobrado, forçado, carregado junto ao corpo” (Petrucci:1998, 217). O livro é considerado um objeto de uso enquanto for necessário e compartilha de outros *objetos de consumo* no mesmo nível. À dessacralização do objeto corresponde igual dessacralização de seu valor intrínseco, que se reflete também nas práticas de usos e de conservação dos livros.

O impacto destes novos hábitos de leitura⁴ repercute sobre todo o processo de produção e circulação do livro, nascendo os escritores de livros consumíveis, de êxito fácil; de agentes literários que dão vida a autores anônimos e obras inexpressivas, que se vão incorporando ao gosto de leitores em todo o mundo.

O que se pode observar é que estas novas práticas de leitura abrem perspectivas de leitura e de leitores que fazem parte da sociedade do séc. XXI e que traduzem novas realidades para o mundo da leitura que não podem ser ignoradas.

Entretanto, ao pensar esta questão, torna-se evidente descrever as práticas de leitura da Escola, espaço oficial da aprendizagem da leitura e da escrita. Como a Escola se comporta na modernidade? Como a escola tem lidado com as competências de cada estudante, com as comunidades de interpretação (Chartier:1998,40), grupos que se identificam pela leitura e a relação que mantém com ela.; com os contrastes entre maneiras de ler, e o interesse pela prática de leitura.

Se por um lado a Escola se organiza para constituir um grupo que tenha leituras semelhantes, faz parte de sua tarefa traduzir as experiências das práticas de leitura que seus colaboradores têm, e reestruturar suas estratégias em conformidade com um novo estatuto de modos de ler que se projeta. O que supõe reconhecer uma série de contrastes: em primeiro lugar, entre competências de leitura (a diferença entre alfabetizado e não-alfabetizado é

⁴ Tudo o que foi exposto até aqui vale sobretudo, se não exclusivamente, para o mundo ocidental adiantado que, além da Europa, compreende os EUA, a União Soviética (antiga), o Japão e poucas outras áreas situadas em vários pontos. Não vale para outras fortes tradições culturais que se mantêm identificadas com seus cânones textuais específicos e possuem suas próprias liturgias de leitura, como mundo islâmico e chinês. (Petrucci, idem).

bastante simplista para resolver a questão, todos aqueles que podem ler textos não o fazem da mesma forma; e é bastante grande a distância entre os “grandes” letrados e apenas “letrados”); contrastes, entre normas e convenções de leitura que definem, para cada comunidade de leitores, usos legítimos do livro, maneiras de ler, instrumentos e processos de interpretação; contrastes entre as expectativas e os interesses muito diversificados que os diferentes grupos de leitores investem na prática da leitura; contrastes até mesmo na significação que atribuem à leitura de um texto; contraste entre as grupos sociais, hierarquizados pelas diferenças de condição, ou de profissão ou de níveis econômicos ou de educação familiar e escolar.

Para cada uma das comunidades de interpretação a relação com o escrito efetua-se com gestos, técnicas, e maneiras de ser. A leitura não é apenas uma operação intelectual abstrata: ela é o uso do corpo, inscrição dentro de um espaço, relação consigo mesma ou com os outros. (Cavallo, 1998: 9)

O leitor joga com forma e fórmulas aptas a submeter o texto às exigências próprias. A leitura varia de acordo com as épocas, lugares e ambientes. Será que a escola está preparada para mostrar estas diferenças, enquanto tal diferença acontece notadamente no mundo da escrita; é possível perceber isto no mundo da leitura? Ou será que a escola pressupõe que é clara a compreensão das diferentes formas de leitura? Será que é preciso ensinar que para cada texto o leitor deve se amoldar? Será que o leitor de massa de hoje em dia não está formado para fazer diferentes tipos de leitura. O que a universidade está fazendo com seus leitores? Como estão se dando as práticas de leitura na universidade? Qual é a visão de professores e alunos sobre esta nova condição?

Aprender a lidar com as diferenças faz parte de processo de ensino e é uma forma de elaborar estratégias de leituras. Os textos podem ser lidos de maneiras diferentes por leitores que não partilham as mesmas técnicas intelectuais

Encarregada tradicionalmente de responder pelo respeito ao cânone, a escola também não consegue encontrar um critério que estabeleça um caminho firme entre seus leitores, comporta-se de maneira desordenada, deixando-se seduzir ora pelo preço, ora pelos assuntos da moda, ora pelo aspecto gráfico...

Enfim, a “crise” de leitura que se observa revela leitores com perfis bastante variados, que atendem sobretudo à indústria do livro. Será este o mais novo critério para a instituição de um novo cânone? A quem caberá responder esta questão? Dissolvida nos múltiplos modos de ler, a leitura revela um novo panorama de leitores para os quais a Escola precisa estar atenta e preparada.

Bibliografia:

CAVALLO, Guglielmo e Chartier, Roger. “Introdução”, In **História da leitura no mundo ocidental**. SP: Ática, 1998, vol.1

_____. **História da leitura no mundo ocidental**. SP: Ática, 1998, vols. 1 e 2

CHARTIER, Anne – Marie e Hébrard, Jean . **Discursos sobre a leitura – 1880 –1980**.SP: Ática, 1995.

CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. SP: Estação Liberdade, 1996.

_____. **A história cultural - entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. SP: Companhia das Letras, 1997.

PETRUCCI, Armando. “Ler por ler: um futuro para a leitura”. In: **História da Leitura no mundo ocidental**. SP: Ática, 1998, vol 2.

Martha Ribeiro Parahyba

é Mestre em Literatura Brasileira pela UnB e professora do Centro de Educação e Letras da UNIOESTE/Foz.